



## O'MALLEY, William J. **¿Creer hoy?** Asentar la fe sobre roca firme. Santander, Sal Terrae, 2009.

Crer hoje? Assentar a fé sobre a rocha.

João Batista Libanio\*

Os desafios à fé vêm de muitas partes, desde o ateísmo militante até formas sutis da sociedade de consumo. O autor do livro enfrenta-os com muita informação, clareza e abertura. Livro simples na redação que se debate com a complexidade dos problemas com elegância e certo humor. Reflete estilo bem americano que alterna o gênero autobiográfico com a objetividade do tema. Refere-se a eventos, filmes, personagens, notícias, informações dos tipos mais variáveis. Torna a linguagem leve e atraente. Supõe do leitor certa familiaridade com o mundo americano quanto aos *faits divers*.

O autor tem ampla experiência com jovens universitários. Retoma os seus questionamentos importantes e desenvolve uma reflexão sobre eles. Aborda, neste sentido, temática amplíssima. Embora não aprofunde, oferece, porém, elementos pertinentes, de sabedoria. Funciona muito a característica jesuítica do equilíbrio, ao discernir, na ambigüidade da realidade, os aspectos positivos e negativos.

Trabalha, de início, questões ligadas ao conhecimento. Analisa a necessidade que o ser humano tem de certezas, de um lado, e, o crescente relativismo e espaço de dúvidas. Mostra a passagem de uma sociedade das certezas ditadas pelos maiores para uma cultura da autonomia, independência, experiência pessoal. Alude à entrada da ciência quântica com seu peso relativizador da física clássica. Explicita a posição positivista em suas aporias. Aponta para a complementaridade dos saberes, da mentalidade grega e oriental. Acena para a função positiva da dúvida e para a condição de ambigüidade em que vivemos. Joga com a distinção usada dos tipos de função cerebral. O cérebro esquerdo condensa o mundo da

---

\* Doutor em Teologia (Gregoriana-Roma) e professor da FAJE (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia). E-mail: secteologia@faculdadejesuita.edu.br

lógica, da razão instrumental, dos números e o direito o da relação, do afeto, da fantasia, da imaginação.

Em outro momento, elabora dados da psicologia para entender a tensão radical do ser humano de ser ele mesmo e de adaptar-se ao meio. Denuncia os seus reducionismos à condição de puro condicionamento, desconhecendo a dimensão de alma e de espírito. Detém-se em temas como a consciência, a felicidade, a liberdade, a integridade e a consciência. Detalha o jogo entre as duas experiências em tensão de o ser humano desejar “estar em casa” e a necessidade de abandonar a casa para crescer, lançar-se em aventuras e voltar depois à casa transformado. Recorre ao mundo mitológico e a arquétipos, como tradução simbólica desse balancear humano. Os mitos servem também de referência para o agir humano, já que se fundam em experiências da humanidade de longa data. Função própria do hemisfério direito do cérebro, enquanto a filosofia desenvolve o outro lado.

De maneira simples e bem concreta, explica como ler os símbolos e os diversos gêneros literários da Escritura. Não entra no linguajar dos exegetas, mas transmite, de modo claro, as intuições simples que comandam a exegese atual sobre o sentido das passagens bíblicas: o histórico, as inserções das comunidades posteriores, o gênero dos mitos e as histórias criadas para transmitir uma doutrina.

O cristianismo apresenta-se para muitos sob estereótipos a modo de mito: não fazer mal a ninguém, ser generoso, ser uma pessoa moral e guardar os mandamentos de Deus. Passa-se assim ao lado da mensagem principal do cristianismo. O autor concentra-se na mensagem fundamental do cristianismo. Para isso recorre ao Símbolo dos Apóstolos, como núcleo básico da fé cristã. Em face dele, faz três perguntas: o que não funciona no mundo? Como deveriam ser as coisas? Como endireitar as coisas?

Para a primeira pergunta recorre, juntamente com os judeus e muçulmanos, à narrativa do Gênese que nos dá resposta da falha original do ser humano: nossa capacidade, possibilidade e, em muitos casos, realidade de não nos submetermos a Deus e de não confiarmos nele, porque somos livres. Invejamos a Deus e queremos deslocá-lo de seu lugar. O pecado não faz mal a Deus, mas à nossa relação com Ele e, portanto, a nós mesmos.

A segunda pergunta encontra luz na nossa correta realização humana, como criaturas de Deus, chamados a sermos perfeitos como Ele é perfeito (Mt 5, 48). Somos

filhos de Deus no Filho a serviço livre do Reino de Deus. O autor escolhe alguns pontos do Novo Testamento para indicar elementos fundamentais da fé cristã. Da parábola do Filho pródigo, extrai a atitude do pai como modelo para nossa maneira de viver o perdão. As bem-aventuranças revelam a atitude de liberdade em face de comportamentos dominantes da sociedade materialista e capitalista que valoriza o triunfo, a esperteza, a busca dos próprios interesses, os cautelosos e medrosos de arriscar a si pelos outros, o rancor como motor de ações, etc. A última ceia acorda-nos o sentido da eucaristia, contra a qual vigem duas principais objeções: não nos serve de nada e nos aborrece. No fundo, é por não nos empenharmos nela e por não lhe atingirmos o significado. O juízo final nos indica por onde seremos julgados: o serviço ao sedento, faminto, enfermo, etc. A crucificação de Jesus revela o auge de sua entrega: despoja-se de seu andar divino entre nós e entrega-se com absoluta confiança ao Pai. A ressurreição revela-nos o último segredo de Jesus.

A terceira pergunta encontra resposta no seguimento de Jesus. Antes de tudo, exige-se um trabalho de purificação da figura de Jesus que a cultura artística, santinhos, filmes, imagens piedosas projetam, em vez daquela que o evangelho nos conta de alguém corajoso a ponto de dar sua vida. Por esse caminho, passa o seguimento de Jesus.

A Igreja merece uma reflexão na linha de libertá-la de falsas imagens, tanto criadas por nós católicos, quanto pelos adversários. Insiste na necessidade de comunidade para ser cristão. Não se é cristão solitariamente. Daí a importância da Igreja. Apesar de todos os seus defeitos históricos e presentes, ela significa possibilidade de vida cristã. Uma Igreja perfeita não é para a história. Padres da Igreja já lhe deram o epíteto de *Casta meretrix*, para definir os dois lados de santa e pecadora. Aborda a temática da Eucaristia. Para alguns cristãos, ela não diz nada e até é mesmo aborrecida. Provoca então o cristão a uma reflexão mais profunda sobre essa atitude. No fundo, não existiria uma falta de compromisso? Prolonga-se na questão tão discutida dos meios contraceptivos como ensinamento da Igreja e a prática do católico médio que o desconhece. Sobre tal assunto traz informações interessantes sobre o processo que Paulo VI conduziu até assumir, de maneira solitária, a decisão de escrever a Encíclica *Humanae vitae*. Termina insistindo na verdade básica da moral cristã do primado da consciência pessoal.

Num rápido capítulo, confronta a fé cristã com alguns cientistas ateus. Leva em consideração principalmente a R. Dawkins com a posição evolucionista materialista. O

autor mostra, como ele mesmo, em tempos anteriores, usara o argumento da perfeição do olho como prova de que o evolucionismo materialista não dá conta de tal perfeição. Afasta-se tanto da posição de Dawkins quanto da do *Intelligent Design*. A questão de Deus se situa muito mais do lado do sentido, da consciência, da liberdade. O evolucionismo materialista não explica cabalmente tais dimensões humanas.

Por fim, aproxima-se do problema do mal, do sofrimento. Questão que persegue a humanidade desde os primórdios. As culturas elaboraram inúmeros mitos para explicá-lo: o ovo cósmico dos povos Dogon da África ocidental, o caos embrionário dos Zunis do México, a epopéia babilônica da criação de Tiamat e Apsu, a grande ave negra da Nyx, o dualismo zoroastra, o budismo, o paraíso terrestre bíblico. Todos eles comungam nalguns pontos fundamentais: a) no princípio parecia que tudo iria ser ideal como desejamos; b) um antagonismo entre o criador benévolo e a criatura inquieta, conflito encarnado em duas forças cósmicas personalizadas pelo império do bem e do mal. Em resposta a tais inquietações, o autor trabalha a idéia de Deus que decorre do livro de Jó. Nele aparece com clareza o debate entre o mal e Deus e como Jó pensa tal conflito até chegar a dizer a Deus: “até agora só te conhecia de ouvido, mas agora meus olhos te viram” (Jó 42, 5). Termina com o Deus de Jesus que nos permite entender o sofrimento que ele mesmo assumiu no Filho.

O leitor médio aproveita muito com tal leitura. O livro vem ao encontro das dificuldades mais comuns que surgem para as pessoas que estudam ou freqüentam certos meios intelectualizados. E o autor responde a tais questões com simplicidade, clareza e bom humor. O texto foi escrito em estilo vivo, com linguagem muito concreta. Semeia-o com muita alusão à literatura, cinema, filmes, sobretudo americanos, artistas, mitos, estórias, fábulas, fantasmagorias modernas, alusões à vida concreta do americano, fatos históricos, alguns próprios dos EUA, outros de dimensão mais ampla. Trabalha bem experiências diárias e simples das pessoas, buscando-lhes uma interpretação profunda.

Vale pelo estilo direto, sem arrogância. Aceita as críticas e as retruca no estilo moderno *ad hominem*, isto é, entra no mundo do adversário e de lá de dentro arma as repostas. Não contém propriamente novidades, nem intuições especiais, mas consegue o objetivo de oferecer elementos para os críticos dos ensinamentos católicos reverem suas posições.